

Currículo sem grades

INOVAÇÃO | Conheça a escola que aboliu as disciplinas tradicionais e investiu no estímulo à pesquisa

POR TORY OLIVEIRA

Uma escola particular da zona oeste de São Paulo vem colocando o currículo de suas turmas do Ensino Médio de cabeça para baixo. Desde o começo de 2011, os alunos do Colégio

Bialik não utilizam mais livros didáticos ou estudam Física em apenas uma disciplina. De seus 26 professores, um está terminando o mestrado, 16 são mestres, 6 são doutores e 3, pós-doutores. A iniciação científica - praticamente inexistente na maioria das escolas dessa etapa de ensino - é obrigatória a partir do segundo ano do Ensino Médio e, já no fim do primeiro ano, é esperado que o aluno tenha lido e fichado livros que não constam nas listas de vestibulares como *Raízes do Brasil*, de Antonio Candido.

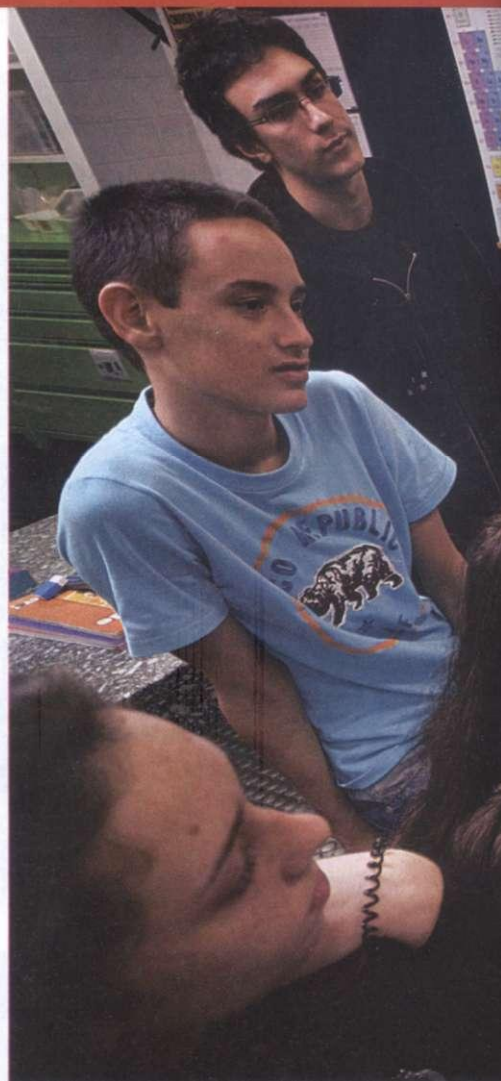
A ideia de mudar radicalmente a estrutura do currículo nasceu com o Projeto Monográfico, implantado em 1997 no colégio de tradição judaica. O Monográfico era uma espécie de iniciação científica júnior, na qual os alunos dos segundos e terceiros anos recebiam orientação para criar e desenvolver pesquisas em diferentes áreas. Como resultado, o colégio começou a receber prêmios em feiras de ciências nacionais e internacionais.

JOVENS PESQUISADORES

Com a nova reestruturação, feita após o fim da fusão com o Renascença, a feira de ciências tornou-se, mais do que nunca, uma prioridade na escola. "Queremos estabelecer uma estrutura em que a gente tenha pelo menos 80% dos nossos alunos viajando nacional e internacionalmente, participando de feiras de ciências", explica o coordenador pedagógico do Ensino Médio e um dos responsáveis pela implantação do

A grande mudança surgiu quando a investigação científica tornou-se o grande eixo da pedagogia da escola

Pré-universidade. A ideia é mostrar o caminho que o aluno se aprofundará depois, diz Rogério Giorgion (abaixo, à esq.)



FOTOS: GUSTAVO LOURENÇO



projeto, João C. Guedes da Fonseca. Uma vez por semana, os alunos do segundo e do terceiro ano reúnem-se na parte da tarde com seus respectivos orientadores para dar continuidade aos projetos de pesquisa.

Em 2007, a escola teve dez alunos finalistas e sete premiados na Feira Brasileira de Ciências e Engenharia, a Febrace. Além disso, o aluno Felipe Arditti ganhou o Prêmio Jovem Cientista. Em 2010, a aluna Tâmara Gedankien conquistou o primeiro lugar na Intel/Isef (International Science and Engineering Fair), a maior feira de ciência e tecnologia do mundo. Seu projeto "Gemara e Gematria: Um Estudo de Caso sobre os Efeitos do Uso do Contexto Sociocultural na Aprendizagem Matemática" foi desenvolvido durante o Monográfico.

Assim, a investigação científica foi escolhida como principal eixo da ação pedagógica da escola. Por conta disso, tudo mudou. A primeira grande revolução foi a mudança no nome das aulas. Dentro dos três eixos curriculares principais - Humanidades, Básico e Ciências Naturais -, os

alunos já não estudam as disciplinas tradicionais como Geografia, Matemática, Física ou Língua Portuguesa. No lugar, existem matérias como "Natureza do Espaço", "Geometria Euclidiana", "Das Estrelas ao Átomo" e "Lógica e Leitura de Textos", todas ministradas por professores especialistas na área. De acordo com Rogério Giorgion, professor da área da Matemática e um dos coordenadores do projeto, a mudança não é apenas de ordem semântica. "É um conceito que vem do mundo universitário de apresentar para o aluno o que ele vai aprender, o que vai acontecer aula a aula. Assim, o aluno sabe, essencialmente, qual caminho ele vai seguir."

LEITURA E AVALIAÇÃO

Outra herança do Projeto Monográfico foi o uso de obras originais como referências teóricas. Assim, o livro didático acabou abolido do Bialik no Ensino Médio. "Todos os nossos livros são da tra-

dição acadêmica ou de comentadores", explica Giorgion. O objetivo é tentar diminuir a visão fragmentada do conhecimento e fazer o aluno compreender que um conhecimento, como o logaritmo matemático, por exemplo, não surgiu por acaso ou de forma isolada.

O educador defende que o livro didático, desenvolvido a partir das décadas de 60 e 70, funciona dentro de uma escola orientada basicamente para o aluno ter um bom desempenho no vestibular. "Isso gerou uma situação absurda porque, se você pergunta para um aluno para que serve essa matéria, ele não vai saber responder e, muitas vezes, vai responder que não serve para nada", conta o professor Rogério Giorgion.

Segundo os coordenadores, essa característica também retoma uma tradição judaica, que atribui um valor sagrado para o livro. Em uma rotina puxada, os alunos precisam ler, resumir e fazer um comentário crítico de cada

um dos livros pedidos pelos professores. Nessa biblioteca básica entram obras originais de autores de peso, como Karl Marx, Euclides e Platão. A interdisciplinaridade também é outra aposta do projeto pedagógico do colégio. Uma das disciplinas, batizada de Das Estrelas ao Atomo, por exemplo, é ministrada por um professor formado em Geologia e transita entre as áreas da química e da geografia física.

A forma de avaliar os alunos também passou por modificações. A prova tradicional corresponde a apenas 25% da nota final, também composta pela nota de um seminário e do ensaio interdisciplinar, corrigido por vários professores. Anotações de aula, fichamentos e comentários críticos sobre os textos lidos são escritos obrigatoriamente no caderno, recolhido mensalmente e avaliado pelos professores.

O GARGALO DO ENSINO MÉDIO

A experiência do Bialik acontece, lógico, em um ambiente específico com alunos de classe média alta e professores bem remunerados. Mas os coordenadores do projeto acreditam que ela possa ser transformada em paradigma para uma implantação em larga escala. "A ideia é que, no futuro, a gente possa contribuir no sentido de ser um exemplo. Mas, pa-

ra isso, é preciso solidificar o projeto."

Embora a educação brasileira tenha dado um salto significativo na última década, o Ensino Médio vive uma crise de identidade que passa por sua organização curricular. Há um excesso de disciplinas e pouca clareza sobre o que se espera dos alunos nesse nível. A falta de atratividade acaba afastando os jovens das salas de aula: metade dos jovens

de 15 a 17 anos está fora da escola. Parte desse contingente estuda, com atraso, no Ensino Fundamental. Mas outra parte, a face mais preocupante dessa estatística, deixou os bancos escolares para trás.

Em busca de opções, desde agosto do ano passado o Conselho Nacional de Educação discute a formulação de novas diretrizes para renovar essa etapa do ensino, que, em 2010, abrigava cerca de 8,5 milhões de estudantes. Uma das ideias da proposta, o Ensino Médio Inovador, pretende proporcionar ao estudante uma melhor articulação entre os diferentes saberes. O programa baseia-se em quatro eixos: trabalho, ciência, tecnologia e cultura. Cada escola cria seu plano de ação pedagógica, que pode eleger um desses eixos como principal ou misturá-los em atividades complementares que podem acontecer até fora da sala de aula.

Mudanças tão radicais, entretanto, exigem muita discussão e não são implantadas de uma hora para outra. A ousada proposta do Bialik, por exemplo, continua sendo tema das reuniões pedagógicas semanais realizadas entre os professores e a coordenação, que discutem as dificuldades dos alunos em acompanhar essa nova forma de apresentar o conteúdo. São também feitas de passos curtos as grandes empreitadas. •

A prova tradicional corresponde a apenas 25% da nota final, complementada por seminários e ensaios interdisciplinares

Pesquisadores. Meta é ter 80% dos alunos viajando dentro e fora do País para participar de feiras de ciências, diz professor